

25/10/2020

EBD – Escola Bíblica Dominical

TEXTO BASE: Salmo 15.2

PALAVRAS CHAVE: Vida centrada. Integridade. Bíblia.

OBJETIVO: Entender que é necessário, em uma vida centrada, integralidade.

Para entender a passagem

“Senhor, quem habitará no teu santuário? Quem poderá morar no teu santo Monte? Aquele que é íntegro em sua conduta e pratica o que é justo, que de coração fala a verdade e não usa a língua para difamar, que nenhum mal faz ao seu semelhante e não lança calúnia contra o seu próximo, que rejeita quem merece desprezo, mas honra os que temem ao Senhor, que mantém a sua palavra, mesmo quando sai prejudicado, que não empresta o seu dinheiro visando lucro nem aceita suborno contra o inocente. Quem assim procede nunca será abalado!”

Salmos 15.1-5

INTRODUÇÃO:

Estamos chegando ao fim de mais uma lição. Esse mês estamos aprendendo sobre uma vida centrada em Cristo. Ao longo das lições definimos e discutimos sobre o que é ter a vida centrada, sobre o contentamento em Deus e sobre a prática da vida cristã que se expressa no amor. Muitas outras coisas poderiam ser incluídas e trabalhadas, mas estes serviram de fundamento para essa reflexão.

Mesmo em meio a incompreensões e frustrações, Deus deseja a integridade, a totalidade de nosso coração naquilo que fazemos. Os nossos atos devem ser um reflexo daquilo que somos no Senhor. Nosso desafio na lição de hoje é entender o que representa um viver santo, íntegro, diante de Deus e dos homens.

O caminho para sermos íntegros – inteiros e não fragmentados – é buscar a instrução na Palavra perfeita do Senhor. Devemos buscar o caminho da perfeição. Davi relata o seu sincero projeto de reinado: obediência a Deus. Em outras palavras, seguir com discernimento e integridade o perfeito caminho do Senhor (Sl 101.2). Este sempre foi o desejo de Deus para o seu povo (Dt 18:13; Js 24:14; Fp 2:14-16).

Tendo o Salmo 15 como base do nosso estudo de hoje, vamos juntos entender os elementos de uma vida íntegra, o qual é representado pelo nosso modo de viver e de falar.

I. INTEGRIDADE NO VIVER

A vida cristã envolve necessária e essencialmente integridade. Integridade significa busca da verdade, compreensão e vida. Obviamente, nenhum de nós é absolutamente íntegro, senão o próprio Senhor, contudo, é impossível haver um cristão que não esteja em sua busca, de coração.

Deste modo, Deus assim nos chama e conduz a integridade porque isso é próprio do seu Ser, e parte do seu plano maravilhoso sobre a vida daqueles que Ele amou (Pv 11.20). Ele se revela de forma coerente e verdadeira, conforme a sua natureza, concedendo-nos a sua Palavra para que a conhecendo, conheçamos o seu autor. Por isso, as Escrituras também nos chamam a atenção para aspectos evidentes da integridade de Deus em sua natureza e manifestação (Sl 18.30; 19.7; 145:17).

a. Praticando a Justiça: Deus deseja não apenas que tenhamos uma integridade aparente, mas antes de tudo interior, fruto do que somos e revelada naquilo que fazemos. Integridade não é uma mera abstração intelectual que fica apenas na esfera virtual. O nosso comportamento, biblicamente correto, acompanhado de motivações justas, revela a nossa integridade (Mt 5:20).

A fonte de toda justiça é o próprio Deus, e quando assim procedemos apenas se evidencia a quem pertencemos. Deus é justo em si mesmo; é absolutamente justo e, a justiça é a manifestação do caráter essencialmente santo de Deus. Podemos, portanto, dizer que a justiça é a exteriorização da santidade de Deus em suas relações com as suas criaturas, conforme revelada nas Escrituras. Logo, a prática da justiça, que pode ser chamada de retidão, consiste em agir em harmonia com a Palavra de Deus, sua Santa Lei, aplicando os princípios e preceitos revelados por Deus em cada relação e circunstância (Dt 32.4; Pv 13.6)

b. Amando o próximo: A nossa luta tem duas frentes: fugir do mal e buscar o bem. Para isso, precisamos orar pedindo discernimento a Deus. Ao contrário de procurar ser agradável as pessoas e satisfazer suas aspirações, as Escrituras nos ensinam que amar o bem envolve um comprometimento com o que é justo. Quando assim procedemos, ainda que possamos circunstancialmente ser considerados socialmente estranhos, temos a certeza da companhia abençoadora do Senhor (Am 5.14-15).

É exatamente quando amamos ao Senhor sobre tudo que estamos habilitados a amar o próximo, verdadeiramente, de sorte que até quando nossos atos de bondade sejam mal interpretados ou até mesmo retribuídos com maldade, nosso esforço será por fazer o bem ao próximo, não importando a quem, por isso é agradável ao Senhor (Rm 12:17).

c. Desprezando o réprobo: A ilusão que o pecado provoca nos faz pensar que somos livres e felizes e que as consequências mais imediatamente percebidas de nossos pecados são preços baixos dentro do custo-benefício de nossa satisfação. Isso não passa de um trágico engano. Lloyd-Jones capta bem essa realidade ao dizer: “O homem do mundo se jacta da sua liberdade e fala sobre ‘livre pensamento’. A suprema realização do diabo consiste em persuadir o homem de que, justamente naquilo em que ele está mais estonteado e escravizado, é mais livre”.

Como regenerados em Cristo, todo comportamento ímpio, que rejeita o próprio Deus, Sua aliança, Sua Palavra, ainda que bem-sucedido aos olhos humanos, lhe é desprezível. O cristão, que deseja habitar na casa do Senhor, em sua companhia, tributando-lhe louvor e honra, nunca deve ser neutro diante do pecado, mas crítico diante de todos os acontecimentos, sempre honrando o que deve ser honrado e desprezando o que é desprezível (Sl 1:1-2).

d. Honrando os que temem a Deus: Honrar é o oposto de desprezar. O salmista (Sl 15.4) diz que aqueles que habitam no monte do Senhor desprezam o réprobo, mas dignificam, honram, reconhecem o valor daquele que teme ao Senhor. A honra e a glória pertencem exclusivamente a Deus. Ele é o Senhor da glória (Sl 24.7-10), e, por isso, devemos tributar-lhe glória e louvor (Sl 29.1-3,9).

Mas há um comportamento coerente: as pessoas que temem a Deus merecem ser respeitadas (Rm 13:7). O senso de valor ensinado na Escritura é bastante distinto e conflitante com o modo costumeiro de olharmos as pessoas e atribuir-lhes valor. O Salmo 15 não diz que devem ser honradas simplesmente as pessoas de determinada etnia, sexo ou cor; ricas, pobres, poderosas e influentes, mas as que temem ao Senhor. O critério não é étnico, de gênero, social, político ou financeiro, antes, espiritual e moral.

e. Guardando-se da ganância: O ganho ilícito, não é um sinal de inteligência, mas de iniquidade. É, portanto, uma forma de furto. O homem perverso tem prazer

em forcer o juízo (Pv 17.23), pois o caminho do mal sempre parece ser mais eficaz, fácil e imediatamente compensador. No entanto, Deus nos propõe caminhos de vida, de integridade, honestidade e princípios (Is 33.15).

O sucesso não pode ser considerado apenas à luz do tempo cronológico, mas a partir da eternidade. A instrução preventiva de Deus contra tais tentações e, ao mesmo tempo, como expressão do que será plenamente evidente na eternidade, se quisermos habitar na casa do Senhor, sigamos as normas, os princípios e os mandamentos deste mesmo Senhor (Mt 6:24).

II. INTEGRIDADE NO FALAR

A linguagem carrega consigo significados e valores. Comunicar, etimologicamente, significa “tornar comum”. Neste ato de comunicar, formamos uma comunidade, constituída por aqueles que sabem, que partilham do mesmo conhecimento. Assim, a comunicação é uma quebra de isolamento individual para que haja uma comunhão.

A nossa comunicação reflete a compreensão que temos de nossa própria experiência. Comunico o que considero relevante dentro de propósitos específicos ou não, contudo, sempre dentro de objetivos visualizados. A comunicação visa transmitir o “sentido” do percebido por intermédio da linguagem. Por sua vez, a função principal da linguagem é a comunicação. Por isso devemos aprender a falar a verdade de coração e usar a língua com sabedoria. Como filhos de um Deus que se comunica, que se relaciona, que é pessoal, expressamos, também, nossa integridade por meio da nossa comunicação.

a. Falando a verdade de coração: Biblicamente, a verdade está sempre associada a Deus. A verdade é de Deus; não há verdade fora de Deus. O salmista refere-se a Deus como “Senhor, Deus da verdade” (Sl 31.5). Jesus Cristo nos diz que a Palavra de Deus é a verdade (Jo 17.17), logo, a nossa resposta deve ser condizente com a santidade e integridade de Deus (Lv 19.2). No Salmo 15, o falar a verdade não é um ato isolado, ocasional, circunstancial, conforme nossos interesses, antes, está associado ao viver com integridade e praticar a justiça, há uma relação de causalidade em que quem vive com integridade, pratica a justiça e fala a verdade. A integridade de caráter se revela em atos e palavras.

A nossa língua deve ser uma expressão do que somos. Quem não é íntegro, não fala essencialmente a verdade. O nosso falar deve estar acompanhado de certeza, credibilidade, segurança, sem precipitação, mas com sinceridade, comprometendo-nos com o que dizemos (Mt 5:27). Como nos instrui Calvino: “Nossa linguagem, portanto, deve ser sincera a fim de que seja semelhante a um espelho, no qual seja contemplada a integridade de nosso coração”. Assim sendo, devemos amar a verdade, procurar vivê-la com integridade e celebrar a Deus por este discernimento (Sl 40.10; Ef 4:15).

b. Usando a língua com sabedoria: Ao lermos o verso 3 de salmo 15, vemos o termo usado “difamar”. O texto quer dizer que os cidadãos dos céus não são pródigos em sair por aí, caminhando, investigando a vida alheia e, com sua língua, denegrindo as pessoas. Ao contrário, a nossa língua, que caracteriza bem a nossa humanidade, deve ser usada como medicina para o ferido (Pv 12.18).

O convívio tem o poder de aproximar as pessoas e, paradoxalmente, também de as afastar, principalmente, quando fazemos mal uso da proximidade, da intimidade. Isso se dá justamente pela prática maligna de espalhar confidências, inverdades, interpretações maculadas de fatos, cujo resultado é a zombaria, a afronta, o desdém, o denegrir, a destruição. Assim, cuidemos bem de nossos pés e de nossa língua, usando-os dentro dos propósitos santos de Deus. Sejamos fieis a Deus em todos os nossos relacionamentos, fazendo parte de sua infantaria que marcha difundindo o Evangelho e combatendo o mal (Tg 3:2).

III. CONCLUSÃO

Vivemos aqui nesta terra com as lutas e dificuldades próprias de nossa finitude e pecado. No entanto, já podemos visualizar a glória. O Senhor foi-nos preparar lugar na sua casa. Agora, somos desafiados a nos preparar para esta habitação, atendendo aos preceitos divinos. Por graça, em Cristo, todos nós que cremos nele estaremos lá um dia, para sempre, na presença do Senhor em companhia de nossos irmãos que viveram, vivem ou ainda viverão nesta cidade ainda provisória. “A felicidade é morar e estar perpetuamente no reino de Deus, entrando na presente vida na possessão do reino, e continuando a possessão na vida eterna”.

IV. APLICAÇÕES

Com essas profundas lições podemos aplicar algumas coisas em nossa vida:

- 1.** Busquemos viver em integridade com a Palavra de Deus. O nosso padrão de justiça deve ser nada mais, nada menos do que a vontade revelada de Deus em sua Palavra, na consciência de que todo o nosso pensar e agir é na presença do Deus que sonda o íntimo.
- 2.** Deus não é indiferente ao mal. Ele julga com justiça, conforme a verdade absoluta que dele procede. Logo, não devemos honrar nem valorizar aquilo que desagrade a Deus. O nosso desprezo pelo réprobo é devido ao fato dele desprezar a Deus, tornando-se, por isso mesmo, desprezível, e honrar os justos, se dá justamente em razão por conta de seu temor ao Senhor.
- 3.** Apesar de todas as lutas e dificuldades, devemos nos empenhar por praticar o bem para com todas as pessoas. Se necessário, disponhamo-nos a sofrer o mal, não a praticá-lo. Sustentemos a verdade, mesmo que isso nos custe um alto preço. No entanto, Deus não é indiferente à dor de seus filhos. O nosso conforto é que ele está perto de nós, atento às nossas aflições decorrentes da fidelidade aos seus preceitos.
- 4.** Este Salmo revela de forma cabal a nossa impossibilidade de atender às suas exigências. Quem de nós por nós mesmos poderá habitar na casa do Senhor? Certamente nenhum de nós. Ninguém cumpriu este ideal, exceto Jesus Cristo. Nós somente poderemos nos tornar cidadãos dos céus por meio dos méritos de Cristo, o eterno Filho de Deus, Senhor do céu e da terra. 5 E ele mesmo, o Senhor e herdeiro de todas as coisas (Rm 8.17), é quem promete aos seus discípulos uma habitação gloriosa e perene (Jo 14.1-3).